

Sobre as priscas sementes das coisas: um esforço memorativo

Regarding the old seeds of things: a memorative effort

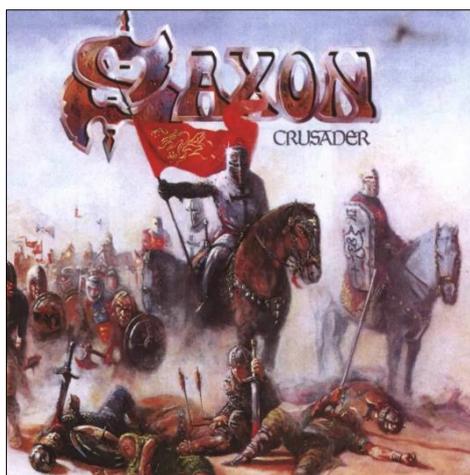
Pedro Mendes de Carvalho Ricaldoni¹

*[Juro] pelo róseo crepúsculo da manhã;
pela noite e quanto envolve;
e pela Lua quando cheia:
passareis de plano a plano.²*

Tenho contato com livros desde que me entendo por gente. Quando ainda não sabia ler, esse se dava por intermédio de minha mãe e, às vezes, de outros membros da minha família, como minha avó ou algum dos meus tios. Quando não tinha quem lesse para mim, eu buscava olhar os livros infantis na estante e buscar aqueles que tinham muitas figuras, para, por meio delas, recompor imaginativamente a estória.

Devo fazer aqui um parêntese para falar sobre a estante, pois teve papel importante no meu interesse por história. Bem larga e alta, com diferentes nichos e aberta no fundo, era, também, onde ficava uma grande quantidade de discos de vinil e um grande e antigo som Gradiente. Confesso que ali, mais que nos livros, encontrei imagens e figuras muito impressionantes, dentre elas o álbum *Crusader* da banda britânica Saxon. Passei incontáveis horas escutando a música que dá nome ao álbum e imaginando uma batalha da qual não tinha nenhum conhecimento.

Imagem 1 – Capa do álbum *Crusader*



¹Graduando em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: pedro.ricaldoni@sga.pucminas.br

² Alcorão: AL INXICAC – A FENDA (Sura 84), 16-19.

Fonte: Fotografia do autor.

O primeiro livro composto apenas de escritos que me interessou foi o então recém-lançado **Harry Potter e a Pedra Filosofal**, em janeiro de 2000, um mês após meu aniversário de sete anos. Aqui ainda não tinha condições de ler de forma consistente, trabalho que foi designado à minha mãe, inicialmente. Ela trabalhava e só podia ler para mim na hora de dormir. Aconteceu que, no fim do primeiro capítulo, não pude mais esperar a próxima noite para saber o que aconteceria, e então tive que convencer minha avó a ler para mim durante o dia. Que experiência incrível, nunca havia entrado em um mundo tão interessante.

Para o terror de minha avó (e minha grande felicidade), foi lançado, em agosto do ano 2000, sete meses após o primeiro, a sequência. No terceiro, **O Prisioneiro de Azkaban**, fui finalmente capaz de ler por minha própria conta. Qual não foi minha felicidade pela conquista de chegar à última página.

Lembro com grande prazer a experiência de cada lançamento. Não obstante, tenho também na memória o gosto de velório, melancólico, de uma série que chega ao fim.

Imagem 2 - Coleção incompleta do *Harry Potter*³



Fonte: Fotografia do autor.

Os livros da minha infância e adolescência não se compõem apenas de Harry Potter, mas falar dele já representa os outros muito bem. Nessa época eu lia por prazer – não no sentido de ter prazer de ler, tarefa que foi na maior parte uma luta (ainda travada), mas de saber que só lendo eu poderia conhecer aquelas tramas, masmorras e montanhas.

³ Sempre me dei mal ao emprestar meus livros...

Paralelamente, na escola, contradizendo minha experiência literária, tive muitas vezes aversão à língua portuguesa. E aqui escolho o momento oportuno para retratar minha trajetória nos estudos.

No primeiro período do pré-primário, tinha apenas uma professora, e não gostava dela. Não sei dizer com clareza quais os motivos, pois não me lembro muito bem dessa época.

No segundo período, mudei de escola, para uma que usava a pedagogia Freinet. Não sei dizer quais as implicações disso para minha educação, mas sei que, naquela escola, pude brincar e aprender vários tipos de coisas. Eles tinham um grande espaço aberto, com jardins e árvores frutíferas. O que mais me recordo é que as crianças ali desfrutavam de grande liberdade. Infelizmente, a escola não possuía um terceiro período, portanto tive que mudar, e a próxima escola tinha um método mais tradicional.

Ser tradicional não deixou a nova escola menos interessante; aprendi o alfabeto de maneira mais clara e comecei meu processo de leitura. Os amigos que conheci no segundo período também vieram, portanto tive fácil adaptação.

Finalmente chego ao ensino fundamental, agora em outra escola (sim, mais uma vez), pois aquela em que estava não possuía fundamental. Fui acompanhado de novo por meus amigos.

Permaneci nessa escola do primeiro ao sexto ano do fundamental.⁴ Durante esse período, acabei construindo uma verdadeira repulsa pela escola. Odiava ir, me escondia na casinha do cachorro momentos antes de o especial passar. Às vezes, no quarto de meu avô, que dormia depois do almoço. Omitirei aqui três motivos que tiraram minha vontade de continuar, dois são referentes a professores e um referente a alunos. Eu me limitarei, portanto, a tentar explicar⁵ as minhas dificuldades e o que achava errado em relação ao método de ensino, especialmente do português.

José Ortega y Gasset diz: *“a reabsorção da circunstância é o destino concreto do homem”*.⁶ Acontece que, na maior parte da vida, há um abismo entre nossa capacidade e as circunstâncias (acontecimentos, experiências), que, totalmente alheias, apresentam-se a nós. Um bebê com fome. Uma criança que perdeu os pais. Um judeu na Alemanha nazista. Cada um deles tem um problema incrivelmente maior que o seu poder de ação pessoal. Falta, em variados casos, capacidade intelectual, motora, bélica, financeira etc. para reabsorver a circunstância e, assim, crescer. Precisamos de ajuda.

⁴ Para, então, mudar de escola pela última vez.

⁵ Do ponto de vista de um aluno, do primeiro período de História, que ainda não teve contato algum com matérias de pedagogia.

⁶ GASSET, Jose Ortega y. *Meditações do Quixote*. 1. Ed. Campinas, SP: Vide Editorial, 2019, p. 31.

A educação, na sua etimologia: *ex-ducere* (conduzir para fora), serviria então para nos elevarmos para além de nossa posição ou situação atual, aumentando, assim, nosso horizonte de consciência para *planos* mais elevados. E a escola, destinada a facilitar, tornando o processo menos doloroso, não cumpriu bem a sua função.

O ser humano é capaz de saber, e de saber que sabe. Há alguns anos, estava pensando sobre como pensamos. Comecei refletindo sobre como os pensamentos se apresentam à minha cabeça e percebi que, na maioria avassaladora das vezes, é em uma conversa com outros. Vejo-me sentado na escrivaninha do quarto, imaginando os diálogos e as ocasiões mais variadas: o pensamento surge em uma situação teatral para a maioria das pessoas. São situações audiovisuais, sonhos acordados. Há esforços de pensamentos mais sérios, quando se estuda ou tenta-se explicar pensamentos complexos. Há também pensamentos compostos apenas de imagens, conteúdo comum entre pintores (tipo totalmente inadequado para pessoas como eu).

Em todas as situações, faz-se uso da linguagem. A linguagem molda toda a forma, a estrutura e o conteúdo da pessoa que pensa. Aqui, pela primeira vez, percebi a importância de aprender a língua portuguesa bem. A profundidade com que a conheço determinará a profundidade com que sou capaz de formular pensamentos, raciocínios, se serei ou não capaz de elaborar racionalmente um acontecimento, dar nome às coisas etc. Resumindo, é ferramenta indispensável para a condição de ser humano.

Do fundamental ao médio, são doze anos de estudo. Doze anos de português, que aprendi de maneira precária, sem conseguir me expressar bem.⁷ Às vezes contradizendo, no segundo parágrafo de um texto, o que escrevi no primeiro. Tive, e tenho até hoje, em certo grau, muita dificuldade de fazer análise sintática. Meus professores foram incapazes de me mostrar a importância disso para a leitura e compreensão de um texto e, posteriormente, para a produção escrita.

Acredito que a educação em língua portuguesa que funcionaria para mim se assemelha ao processo de digestão: você ingere o alimento e o suco gástrico faz o resto do trabalho. Na educação tradicional, há muito suco gástrico e pouco alimento. As análises são feitas a partir de frases soltas, sem muito significado, que, diferentemente de um livro interessante, ou uma obra de poesia, nos esquecemos com bizarra facilidade. É necessária uma maior quantidade de alimento para a assimilação do conteúdo: suco gástrico sem alimento causa úlcera.

⁷ Qual não foi minha dificuldade quando no ensino médio, em 2009, houve a mudança para o novo acordo ortográfico. A confusão mental, já acentuada, se instaurou de vez em uma cabeça que sentiu, durante todo o período, muita dificuldade de estudar doze matérias simultâneas. Se pudesse, escolheria aprender com muita intensidade no máximo quatro ao mesmo tempo.

Acontece que, para isso funcionar, é necessário que sejam os grandes autores da língua portuguesa, pois possuem estruturas mais complexas de escrita. Claro, não seria saudável para um aluno começar com a complexidade, isso o faria enlouquecer antes de entender, mas sim que a análise chegasse ao complexo, pois só no complexo é possível ver como ela é importante.⁸ Além disso, hoje lemos majoritariamente literatura traduzida da língua inglesa, que possui comumente frases curtas e simples.

O primeiro exemplo que me fez chegar a esta conclusão foi quando alguém me pediu, anos após o fim do ensino médio, para identificar o sujeito do primeiro trecho de **Os Lusíadas**:

As armas e os Barões assinalados,
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca d'antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
E em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando;
E aqueles que por obras valorosos
Se vão da lei da Morte libertando –
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.⁹

Não saberia, mesmo que fosse bom nesta empreitada memorativa e na língua vernácula, explicar o sentimento de incompetência que se apossou de mim. Dizem que *uma pessoa fica mais inteligente quanto mais consciente se torna de sua própria ignorância*. Não sei se é verdade¹⁰, mas posso dizer que busquei incessantemente uma forma de rastrear aquilo que ignoro. E, com relação ao querido Camões, encontrei um antigo tesouro, relançado recentemente – que possui comentários mitológicos, geográficos, históricos, cosmológicos e interpretativos. Além disso, *espalha* em prosa o que o autor *cantou* em verso.¹¹ Sim, identifiquei o sujeito!

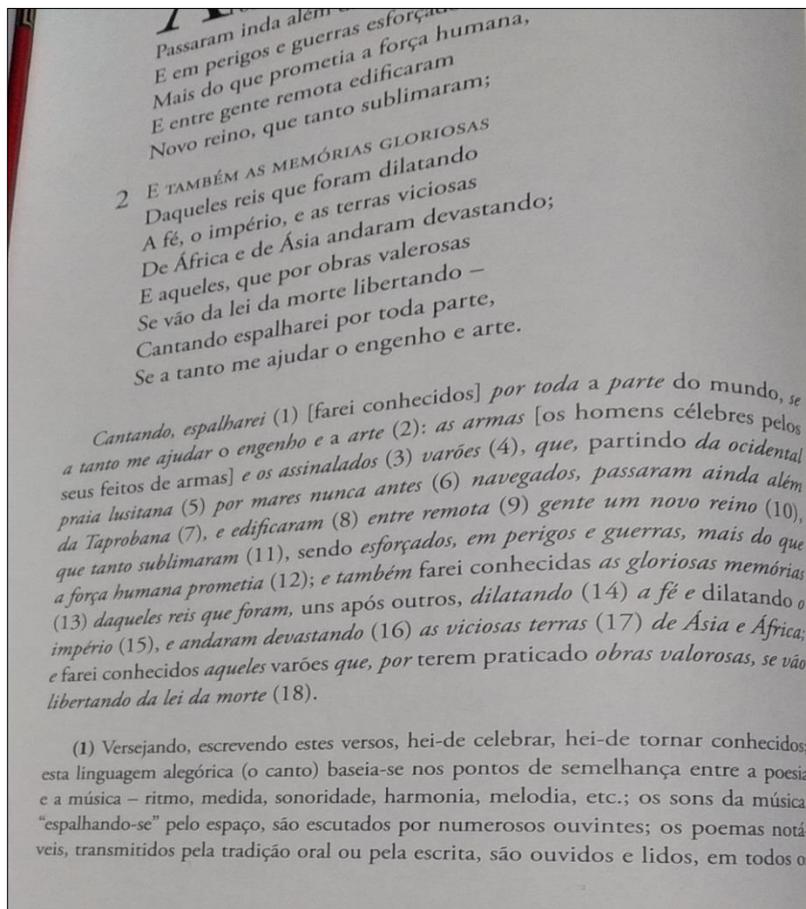
⁸ Talvez esteja aí o motivo do estudo do latim na educação antiga, ou até muito recentemente, no Brasil mesmo. Não há, no latim, leitura sem análise sintática, simplesmente não é possível.

⁹ CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. 1. Ed. Porto Alegre, RS: Concreta, 2018, v.1, p. 50.

¹⁰ É certo que não acredito que o QI é suficiente para indicar que uma pessoa é inteligente mesmo, pois avalia um tipo de inteligência em detrimento de outros. Uma pessoa que é capaz de perceber quando uma coisa a fará mal é mais inteligente que uma que tem raciocínio lógico ou faz cálculos elevados.

¹¹ Lendo este tipo de material acabei me tornando um verdadeiro fã das notas de rodapé.

Imagem 3 – Edição didática d’Os Lusíadas



Fonte: Fotografia do autor.

Aproveitando que estou no assunto, ouvi dizer que as discussões e as análises linguísticas sobre poemas clássicos são intermináveis. Seu conteúdo é tão denso que, quanto mais se cava, mais se acham coisas novas. É capaz de sugar um linguista pra dentro de uma obra para sempre, como um buraco negro. Pergunto-me o que pensam eles sobre essas obras comentadas que, de certa forma, limitam o texto do autor, sempre riquíssimo simbolicamente. Mas, devo dizer, não fossem essas edições que mastigam o conteúdo para entregá-lo aos meros mortais, eu nunca seria capaz de ler uma obra clássica.

Assim que terminar meu curso de inglês, daqui a um ano, voltarei ao estudo do português. Não sei se é possível, mas gostaria de estudar na faculdade mesmo, como matéria opcional, para ver se agora aprendo, de uma vez por todas.

Hoje, estou tentando ler a maioria dos livros em inglês, para adquirir vocabulário. Leio também em voz alta, para treinar a pronúncia. Sei que poderia estudar português e inglês ao

mesmo tempo, mas não misturo as duas línguas porque, com a dificuldade que tenho, vou acabar bagunçando tudo na cabeça. Mas não vejo a hora de poder voltar ao Camões. Já tenho, aliás, uma lista de clássicos me esperando quando terminar **Os Lusíadas**.

Imagem 4 – Alguns dos meus livros



Fonte: Fotografia do autor, 2019.¹²

Enquanto este dia não chega, vamos voltar ao passado...

Se português eu aprendi com muita defasagem, inglês nem se fala, não aprendi nada na escola. Com uma grade de duas aulas por semana, se iguala em carga horária aos cursos externos (*Number One, Wizard* etc.), com a diferença de que, nestes últimos, se torna fluente em cinco anos, enquanto que, no ensino tradicional, passam-se doze e os alunos saem sem entender nada. É tempo o suficiente para aprender três línguas estrangeiras com método mais efetivo.¹³

Além da matemática que, como o português, aprendi um pouco, não há muito o que dizer sobre as outras matérias, todas foram passadas de maneira superficial, quase como uma propaganda do que há para se aprender no ensino superior.

Por falar em ensino superior, vale ressaltar que sempre tive uma visão turva do que eu queria. Em 2011, me formei no ensino médio, fiz o ENEM, a segunda etapa da UFMG, e

¹² Da direita para a esquerda: **Arte poética**, de Horácio; **Metamorfoses**, de Ovídio; **A divina comédia**, de Dante; **Eneida**, de Virgílio; **Odisseia e Ilíada**, de Homero; **O melhor do teatro grego**, com obras de Aristófanes, Ésquilo, Sófocles e Eurípedes; **Sermões**, do Pe. Antônio Vieira, em dois tomos; **The secret world**, do historiador Christopher Andrew, que estou lendo atualmente.

¹³ Acredito que há professores bons e ruins, mas o principal problema do ensino de línguas (português incluso) está no método. O professor, muitas vezes mais competente e bem preparado do que aparenta, está limitado pelo material escolar usado (com os cronogramas e matérias que lhe são impostos) e sobrecarregado pela superlotação de alunos em uma sala de aula, o impossibilitando de oferecer uma educação personalizada, detectando as dificuldades e deficiências de cada aluno em particular. Para mim, uma sala de aula do ensino fundamental não poderia ter mais de 10 alunos. Mas quanto custaria esta brincadeira?

passsei.¹⁴ Licenciatura em Química. Em 2012, comecei o curso. No mesmo ano, tranquei a matrícula e, no ano seguinte, a cancelei. O curso não era para mim. Depois disso ainda tentei fazer Engenharia Química e Psicologia. Falhei miseravelmente.

Desiludido com a perspectiva do ensino superior, mas sem desistir da busca por conhecimento e educação, decidi estudar o que tivesse vontade. Sempre tive a impressão de que se ganha muito em qualidade quando se estuda o que se tem vontade. Aqui as coisas começaram a dar certo. Eu me senti motivado e feliz.¹⁵

Agora estou em uma nova etapa, este novo período ainda está muito recente para que eu possa olhá-lo de forma clara. Portanto, não há muito o que se dizer. Estou na PUC há aproximadamente dois meses, entrei um mês depois de o curso começar. Nas primeiras aulas de que participei, cinco dos seis professores me identificaram como um aluno novo. Vieram até mim, perguntaram meu nome e nunca o esqueceram, desde então. Esse é o tipo de coisa que não passa batido.

Seria insensato rememorar tudo isso sem utilizar a oportunidade para fazer uma reflexão. Como também o seria falar de leitura e escrita ocultando a educação. No que diz respeito aos livros, abro mão da quantidade, para evidenciar os que li em profundidade, e trazer a este texto uma certa unidade. Dentre as principais obras de literatura que li e levo para a vida até hoje, estão: **Musashi**, de Eiji Yoshikawa, que contrasta maravilhosamente as escolhas e, conseqüentemente, os rumos tomados e acontecimentos nas vidas Shimen Takezo (Musashi) e seu amigo, Matahachi; **O idiota**, de Dostoiévski, que mostra, com uma clareza fora do comum, o conflito entre o amor e a compaixão no príncipe Míchkin;¹⁶¹⁷ **Os anos de aprendizado de Wilhem Meister**, de Goethe, que me faz refletir até hoje o quanto da nossa vida é determinada por pessoas de que nunca nem ouvimos falar; e, *last but not least*, **Otelo**, de Shakespeare. De todos, este foi, sem dúvida, o mais denso simbolicamente e, portanto, o que mais pude aproveitar, pois ilumina a vida real.¹⁸

¹⁴ Este foi o último ano que houve uma segunda etapa para entrar na UFMG.

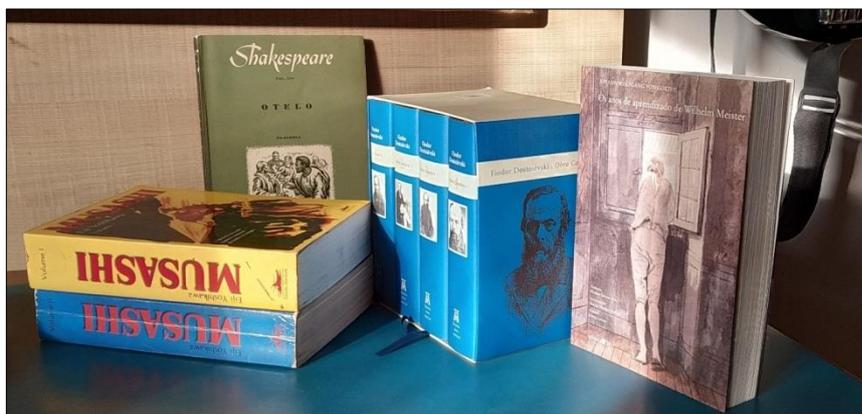
¹⁵ Acho engraçado quando chamam autodidata alguém que aprende com livros. Sem perceber que todo livro tem um autor, que fez o seu melhor para expressar, explicar e ensinar aquilo que ele sabe. E então reduzem o mérito dos mestres que, se não mortos, estão ausentes.

¹⁶ Passei a maior parte do livro me perguntando sobre Míchkin: 'Esse é o idiota? Mas ele é o melhor personagem! O único príncipe que é de fato digno do título!'. No fim ele era um idiota mesmo... Se não é possível praticar os dois, não há problema algum escolher entre o amor e a compaixão, mas mudar de ideia depois de ter escolhido...

¹⁷ Poderia colocar outros livros do Dostoiévski aqui, mas me contentarei com o que gostei mais, fato é que ainda estou para achar algo do autor que não seja impactante.

¹⁸ Não o teria aproveitado desta forma, vale ressaltar, sem esforço pessoal e uma considerável ajuda de terceiros (Martin Lings, em **A Arte Sagrada de Shakespeare**, e um ótimo professor de simbolismo medieval e estudo dos clássicos).

Imagem 6 – Mais alguns livros meus



Fonte: Fotografia do autor, 2019.¹⁹

Para não excluir a fantasia que, mesmo adulto, ainda foi o gênero que mais li, adiciono aqui **O nome do vento**, de Patrick Rothfuss, pois tem relação com o assunto deste memorial²⁰ e, além disso, ainda está em aberto; aguardo ansiosamente o lançamento do último livro da trilogia, previsto para 2020.

Sobre a escrita, digo que este memorial foi o meu maior empreendimento até então. É a primeira vez que me pedem para fazer um texto que não seja dissertativo-argumentativo. Um texto que não precisa ser impessoal, em terceira pessoa; em que posso falar com liberdade e com figuras de linguagem. Foi uma elaboração atenta e curiosa.

Se erros, falhas e deficiências se apresentam aqui, é porque estão presentes na minha vida. Fazem parte de mim, pelo menos por enquanto.

Eu falei de leitura, de escrita e de educação, mas ainda, me parece, falta algo. Comecei com a estante. A estante nada mais é que um suporte. Suporte para várias coisas, de livros a discos de vinil. Da estante física fui para a mental, aquela que suporta meus pensamentos, minhas memórias, meus sentimentos. E que constantemente muda de forma, tamanho e conteúdo. Reviro, no canto da estante mental, o baú empoeirado das lembranças. Ele não tem fundo. Encontro, a cada novo esforço, mais um objeto interessante. Queria falar um pouco mais de música, mas agora é tarde...

¹⁹ Da esquerda para a direita, **Musashi**, **Otelo**, **Obras completas de Dostoiévski** e **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**.

²⁰ Em **O nome do vento**, as palavras tem poder e, quando se conhece de fato uma palavra, é possível invocar a coisa a que ela se refere.